

INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO, SEXUALIDADE E RAÇA NAS TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE E AS INFLUÊNCIAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA¹

Lilian Silva de Sales²

Resumo

O trabalho *Intersecções entre Gênero, Sexualidade e Raça nas Trajetórias de Formação das Professoras e as Influências na prática Pedagógica* tem como objetivos apresentar e analisar as trajetórias de formação de três professoras da rede pública de ensino da Região Metropolitana de Belém/PA, considerando as intersecções entre gênero, sexualidade e raça e as influências no trabalho pedagógico que desenvolvem. As professoras participaram da primeira edição do curso GDE no ano de 2009, ofertado pela UFPA e foram entrevistadas no período de abril a julho de 2015. Os relatos apontam que as vivências de exclusão experimentadas pelas mesmas ao longo de sua formação, foram fundamentais para que pudessem construir práticas mais inclusivas no que se refere às diferenças.

Palavras-chave: Gênero. Intersecções. Formação de professoras.

Compreendendo a Formação em Perspectiva Interseccional


Compreender gênero em perspectiva interseccional, me permitiu desnaturalizar as posições que os diferentes sujeitos ocupavam nas escolas, além de entender que as relações de poder que se dão nesses espaços apresentam múltiplas dimensões, possibilitando considerar tanto as estruturas conservadoras presentes nas escolas, quanto as experiências de resistência na atuação das diferentes atrizes.

Para Crenshaw (2002, p. 177), a interseccionalidade se define por aquela que:

[...] busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram

¹Este trabalho é parte integrante da minha tese de doutorado intitulada **Experiências de Professoras/es “Em Formação” e Articulações de Gênero e Raça nas Escolas Públicas da Região Metropolitana de Belém** teve como objetivos analisar as percepções sobre gênero e raça de professoras/es da rede pública da Região Metropolitana de Belém, que participaram do curso *Gênero e Diversidade na Escola*, realizado em 2009 e em 2012. Identificar dificuldades e possibilidades das/os docentes na abordagem das temáticas nas suas escolas e analisar estratégias criadas por sete professoras participantes do curso em 2009 para a efetivação do debate com as temáticas em suas escolas. Para tanto, coletei dados de fichas de inscrição e avaliação do curso; em questionário aplicado aos cursistas que participaram do curso em 2012 e entrevista realizada no período de abril a julho de 2015 com as professoras que participaram do curso em 2009. Os dados apontam que o debate sobre gênero e raça tem se efetivado de forma pontual, pouco articulada ao trabalho coletivo nas escolas e como fruto de iniciativas individuais de professoras/es.

² Doutora em Ciências Sociais, professora Adjunta I da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal, liliandesales@gmail.com



opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

A perspectiva interseccional permite perceber como os marcadores sociais da diferença, se imbricam na produção de discriminações e opressões. Bem como aprofunda ainda mais a crítica às percepções binárias de gênero, possibilitando vislumbrar não somente a mulher como sujeito universal, mas compreender que no jogo das intersecções entre os marcadores, a opressão atinge também outros sujeitos.

Para Shields (2008), considerando o processo de identificação social do indivíduo, cada uma das categorias de identidade interseccionadas tem seu significado relacionado aquela outra com a qual está em intersecção, essas são formadas e mantidas a partir de um processo dinâmico, em que o próprio indivíduo está ativamente engajado.

As categorias de identidade passam a ser vistas como auto evidentes ou básicas através da perspectiva de outras categorias e, dessa forma, são vistas como naturais (SHIELDS, 2008).

O processo de construção das identidades sociais ocorre nessa articulação imbricada de múltiplas categorias identitárias, portanto, essas categorias vão sendo acionadas, revisitadas e recriadas à medida que nos relacionamos com xs outrx e com o mundo que nos rodeia.

Todas essas categorias, em relação interseccional, influenciam na forma como nós nos percebemos, como somos percebidxs pelxs outrxs e como nós nos situamos no jogo das opressões/privilégios sociais.


É importante compreender que a interseccionalidade não cria apenas opressões, cria também oportunidades, portanto, uma posição interseccional pode encontrar-se em desvantagem em relação a um grupo, mas em vantagem em relação a outro (SHIELDS, 2008).

Pensar interseccionalmente é buscar compreender a fluidez e a multiplicidade com que os sujeitos sociais produzem as complexas relações com a sociedade em que estão inseridos; é romper com a ideia naturalizada e essencializada de identidade social, percebendo as dinâmicas articulações entre os diversos marcadores da diferença na constituição identitária, influenciando nas posições assumidas pelos indivíduos e pelos grupos.

Considerando as relações interseccionais entre gênero, sexualidade e raça, busquei compreender as complexas dinâmicas que influenciam a efetivação dessas temáticas no trabalho pedagógico de três professoras, tomando os relatos das suas experiências de formação com as referidas temáticas como foco.

Tendo as experiências das professoras como ponto de partida das análises neste trabalho, tomei como referência a perspectiva da experiência em hooks (1990, 2000, 2013)





quando compartilha sua estratégia pedagógica em sala de aula. Segundo a autora (2013, p. 114): “Essa estratégia pedagógica se baseia no pressuposto de que todos nós levamos à sala de aula um conhecimento que vem da experiência e de que esse conhecimento pode, de fato melhorar nossa experiência de aprendizado”.

Na epistemologia feminista negra³ a discussão tem como ponto de partida as vivências dxs envolvidxs no processo e tem como fundamento teórico-metodológico o diálogo, a valorização da fala dos sujeitos e o acolhimento afetivo da presença de todxs.

Nessa abordagem as “falas” - da pesquisadora e dos sujeitos da pesquisa - estão em diálogo mútuo, possibilitando um compartilhamento de experiências vividas que permitem compreender múltiplas e dinâmicas realidades pedagógicas.

Para Collins, diferente da Ciência e da Filosofia Clássicas, nas quais o conhecimento é fruto da iluminação, da visão, do ato de enxergar; na Epistemologia Feminista Negra é resultante do falar e ouvir, do diálogo que articula duas dimensões: wisdom⁴, oriundo da experiência vivida e knowledge⁵, adquirido ao longo do percurso acadêmico das intelectuais negras (COLLINS, 2000).

O falar e o ouvir no diálogo encerra a expressão de duas subjetividades que estão em interação, uma relação em que umx se coloca à disposição dx outrx, se abre ao que x outrx tem a dizer. Nesse sentido, o diálogo é uma ação de empoderamento daquelxs que falam e que são ouvidxs. O diálogo pressupõe o movimento de ir e vir da palavra, do relato da experiência daquelx que conhece a realidade que viveu.

Ao considerar o falar e o ouvir como elemento equalizador da produção do conhecimento, a Epistemologia Feminista Negra permite repensar a dicotomia hierarquizada entre sujeito e objeto de conhecimento, além daquela que separa teoria e prática.

Trajetórias de formação das professoras: interseccionando gênero, sexualidade e raça

Tânia é católica, tem 50 anos, se auto define como branca e heterossexual. Graduiu-se em Letras na Universidade da Amazônia (UNAMA) e fez Especialização em Gestão Escolar. Na escola pública municipal em que trabalha, em Belém, atua como coordenadora pedagógica pela manhã e está nessa escola há 29 anos. Participa de Grupo religioso católico da sua igreja.


Foi no curso GDE que teve, pela primeira vez, contato com as discussões sobre gênero, sexualidade e raça. Antes, Tânia não identifica ter acessado essas temáticas ao longo de suas experiências de formação.

³ Na qual a teoria de bell hooks se assenta.

⁴ Wisdom – sabedoria.

⁵ Knowlwdge – conhecimento.





Ao longo da entrevista Tânia não faz referência a presença da religiosidade cristã no cotidiano de sua escola, nem como um obstáculo nem como facilitador do debate sobre as temáticas. Mas menciona que sua formação católica cristã influencia na forma de relacionar-se com x outrx quando se reporta ao modo como lida com a presença de um homossexual na família, conforme evidencia o trecho a seguir

Essa, como eu te falei, de tá vivenciando hoje em dia uma situação de ter uma pessoa homossexual na família né, de ser declarado, uma pessoa declarada homossexual e a gente vivenciar realmente isso. E (se) ver defendendo a pessoa né, como pessoa e assim aprendendo. Minha maior descoberta agora é o que eu tô aprendendo né, por que o que eu tinha ainda era muito no inconsciente da educação que eu tive né, além de eu ter uma educação católica, em que você deve respeitar o outro, você deve (observar) todos aqueles dogmas que a igreja coloca pra gente, tem a minha questão pessoal né, a minha questão como eu vejo o mundo hoje, como eu tô aprendendo a ver o mundo agora, como eu tô reconhecendo as pessoas do jeito que elas são né. Então, pra mim é a questão do aprendizado diário mesmo. É rever o meus preconceitos, separadamente, pré-conceitos (Entrevista realizada em 17.04.15).

Tânia é a única dentre as professoras entrevistadas a não identificar a presença da religiosidade cristã no cotidiano da escola influenciando negativamente a efetivação de uma experiência pedagógica mais sistemática com as temáticas de gênero, sexualidade e raça. Esse fato tem, ao meu ver, relação com o lugar privilegiado (branca, heterossexual e cristã) que ocupa socialmente e que, de certa maneira, não a mobiliza a refletir sobre as desigualdades que são reproduzidas no espaço da escola em que trabalha.

Ao contrário, o humanismo cristão presente na formação católica de Tânia é acionado, mesmo que de forma crítica, pois é mediado pelas atuais experiências reflexivas sobre o tema da diversidade sexual, para lidar com a presença de uma pessoa homossexual em sua família.


Glória é católica, tem 35 anos e se auto identifica como negra e heterossexual. É Pedagoga, Especialista em Educação Ambiental e Mestre em Educação, cursos realizados na UFPA.

Não faz parte de nenhum movimento social e cursou o GDE no ano de 2009. Antes do GDE, ainda não tinha tido acesso ao debate sobre gênero, mas, na sua formação em Pedagogia, pode discutir a questão racial como parte de uma das disciplinas cursadas.

Diferente das demais até aqui apresentadas, Glória teve uma experiência ao longo de sua graduação com a temática racial. Conforme, relatou: “[...] Não era disciplina, era alguma temática, tipo seminário, alguma coisa assim” (Entrevistada em 01.06.15).

Mesmo considerando um avanço a presença da temática racial na experiência de Graduação de Glória, é preciso chamar a atenção à duas questões: primeiro, chamo a atenção





que o tema aparece em apenas uma disciplina, de tantas existentes no currículo da Graduação; segundo que o tema foi desenvolvido como parte dos conteúdos tratados por uma disciplina, sob a forma de um seminário temático.

Dessa forma, apesar de presente no currículo, a temática racial envolve um referencial teórico bastante denso, que envolve a compreensão de complexas relações, portanto, um texto apresentado num seminário ou uma temática desenvolvida numa disciplina torna-se insuficiente para garantir a aplicabilidade na prática pedagógica.

Uma formação realmente eficiente no que tange a qualificar xs professorxs para lidarem com as questões de gênero, sexualidade e raça na escola deveria envolver disciplinas específicas que permitissem aprofundar conceitos e concepções contextualizadas social e historicamente, além de disciplinas ou experiências pedagógicas que pudessem acionar esses conceitos transversalmente à medida que fossem necessários, no sentido de ampliar a abordagem de outros temas oportunizando estabelecer conexões entre diferentes conhecimentos do currículo.

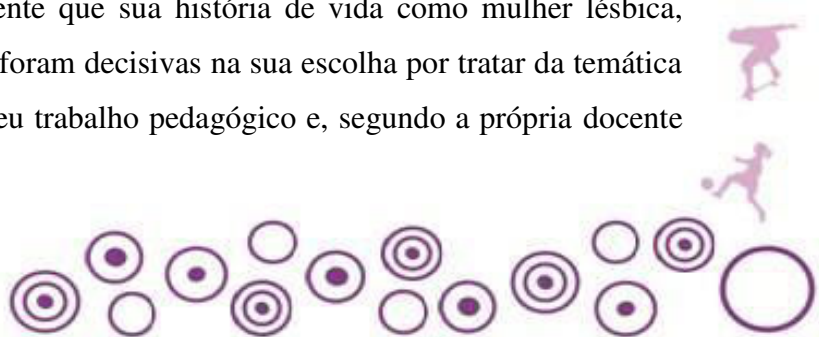
Vanessa se autodeclara como parda. Tem 36 anos, não tem religião e se diz lésbica. Ela trabalha como professora de Educação Física em escolas nos municípios de Castanhal, com Ensino Fundamental e de Capanema, com Ensino Fundamental e Médio. Em Castanhal trabalha nos turnos da manhã e da tarde. Em Capanema nos três turnos: manhã, tarde e noite.


Formou-se em licenciatura em Educação Física pela UFPA e fez Especialização em Docência do Ensino Superior na Faculdade de Castanhal (FCAT), instituição de ensino privada.

Antes do GDE, não havia participado de nenhum curso que tratasse das temáticas de gênero, sexualidade e raça. Mas em sua Graduação, em Educação Física, teve contato com as temáticas de gênero e raça em duas disciplinas do currículo - Antropologia e Folclore. No curso de Especialização, teve contato com os temas em uma disciplina, a qual não revelou o nome. Também não especificou como se efetivou o debate e, desse modo, não posso julgar o nível de aprofundamento com o qual o tema foi tratado.

De qualquer forma, igualmente a Glória, Vanessa também teve acesso ao conteúdo sobre gênero, sexualidade e raça, tanto na Graduação quanto na Pós-Graduação. E ainda foi possível aprofundar, buscando, na formação continuada, curso e leituras que as ajudassem ampliar sua compreensão e qualificassem sua prática pedagógica.

O relato de Vanessa deixa evidente que sua história de vida como mulher lésbica, marcada por exclusões e discriminações foram decisivas na sua escolha por tratar da temática de gênero e sexualidade como eixo de seu trabalho pedagógico e, segundo a própria docente





quando se refere a relação das temáticas tratadas no GDE⁶ com sua vida pessoal e o desenvolvimento de seu trabalho: “eu acho que talvez essa minha persistência (com o tema), é, eu não sei se a minha sexualidade me tornou uma pessoa mais acessível a tudo ou o fato de eu ser discriminada anteriormente, tenha me deixado mais acessível as coisas” (Entrevistada em 26.06.15).

Referências

- COLLINS, P. Black feminist epistemology. In: _____. **Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 2000. p. 269-290.
- CRENSHAW, K. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 10, p. 171-188, 2002.
- hooks, B. **Yearning** – race, gender, and cultural politics. Boston: South end Press, 1990.
- _____. Black women: shaping feminist theory & Feminism: a movement to end sexist oppression & the significance of feminist movement. In: _____. **Feminist theory: from margin to center**. New York: South and Press Classics, 2000. p. 0-42.
- _____. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.
- _____. Escolarizando Homens Negros. Tradução de Alan Augusto Ribeiro e Keisha-Khan Y. Perry. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 677-689, set./dez.2015.
- SHIELDS, S.A. Gender: An Interseccionalidade Perspective. **Sex Roles**, n.59, p.301-311, 2008.

⁶ Diversidade de gênero, sexual, etnicorracial e cultural.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

